

De Bartolomeu Pereira

Fim de linha
Meu barco sem leme
Não há de durar o tempo de um afeto.
Um cais de águas mortas me espera
Em algum pedaço de praia,
Para pôr as barbatanas na areia.
Forasteiro,
Ouvirei de longe as canções do mar
E outra vez aprenderei a caminhar
Como os cães.

(I)
cortar a cabeça do dragão
fraturar a vertebra
boxear
romper a costela
resolver as querelas todas
num golpe
tupiniquim

(II)

Montanhas
são pedrinhas que se acumularam,
postas
umas sobre as outras.
No começo do Tempo
dizia meu avô
tudo tinha uma pré-disposição a ser ave,
até mesmo os montes.
Esses migravam
sob uma Terra rasa
em bandos bonitos de ver.

(III)

Inventarei um almanaque
Contarei seus aromas
As batalhas
Travadas sob sua pele
Dividirei seus limites
Em regiões e estados
Mapearei suas cicatrizes

Chegará o tempo da colheita
Das suas sementes
limpas
Marcando o fim das expedições

As suas terras
Poderão encher de calos
Minhas mãos
De flepas
Só que sempre haverá
O que se colher
E onde viver.

De você faço a minha seara
A estação chuvosa
A promessa ancestral
Cumprida
De um tempo livre

(IV)

Julião precisou aprender a falar como os homens do

[cinema,

Ter aulas de tango, colocar um dente,

Consultar cartas e gente infeliz

Pra no fim Rosalina lhe dar o mote:

“Julião, você me dói no olho que nem pedra.”